

“VITÓRIA”: O GÊNERO DA MÍDIA ESPORTIVA BRASILEIRA ESPECIALIZADA NA COBERTURA OLÍMPICA

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Brasil

luiz_rojo@uol.com.br

Recebido em 9 de setembro de 2008

Aprovado em 17 de novembro de 2008

Resumo

Neste artigo irei refletir sobre as transformações ocorridas, nos últimos dez anos, na cobertura realizada pela mídia esportiva, em relação aos Jogos Olímpicos, no que diz respeito à questão de gênero. Análises como as de Knijnik e Souza (2004) e Romero (2005) têm apontado como a imprensa, em geral, privilegia a cobertura de atletas e eventos masculinos, deixando em papel secundário a participação de mulheres. Por outro lado, Guedes (1998) e Toledo (2002) permitem identificar como esta análise deve ser mediada pela hegemonia quase absoluta que a cobertura do futebol exerce em relação a todos os demais esportes. Deste modo, a partir do estudo de um caso específico - o espaço dedicado na mídia televisiva e em um jornal de grande circulação do Rio de Janeiro para o acompanhamento da participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2006 - irei discutir como nestes eventos se reforça, mais do que diferenças entre os sexos, a celebração da vitória que acaba por conformar uma "identidade de gênero" própria, deslocado do referencial biológico do sexo.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos de Inverno; mídia; gênero.

Abstract

“Victory”: the specialized sport press gender in Olympic coverage

In this article I will work on the transformations occurred, in the last ten years, in the sport press coverage of the Olympic Games, regarding gender issues. Analysis like Knijnik and Souza's (2004) and Romero's (2005) have pointed how the press, in general, privileges the coverage of masculine athletes and events, leaving women participation in a secondary position. On the other hand, Guedes (1998) and Toledo (2002) allow us identify how this analysis should be mediated by the almost absolute hegemony that the soccer coverage inflicts in relation to the other sports. Therefore, starting from a specific case – the space dedicated on television and in a major newspaper in Rio de Janeiro to the follow up of the Brazilian team in the 2006 Winter Olympic Games – I will discuss how these events reinforce, more than the differences

among sexes, the celebration of the victory which ends up accommodating a specific “gender identity”, detached from the biological referential of sex.

Keywords: Winter Olympic Games; media; gender.

Quando olhamos para a presença do Brasil, em eventos esportivos da importância dos Jogos Panamericanos ou dos Jogos Olímpicos, podemos identificar como as delegações enviadas têm apresentado um significativo crescimento, tanto no aspecto quantitativo quanto qualitativo, e como este crescimento tem sido acompanhado por uma progressiva redução da desigualdade entre homens e mulheres, de forma acentuada no número de atletas presentes nestas competições, mas também no número de medalhas obtidas, conforme pode ser melhor visualizado através das tabelas abaixo:

Tabela 1: Delegação e medalhas brasileiras nas últimas dez edições dos Jogos Olímpicos

Ano	HOMENS				MULHERES			
	Atletas	%	Medalhas	%	Atletas	%	Medalhas	%
1968	81	96	3	100	3	4	0	0
1972	84	94	2	100	5	6	0	0
1976	86	92	2	100	7	8	0	0
1980	94	86	4	100	15	14	0	0
1984	129	85	8	100	22	15	0	0
1988	135	79	6	100	35	21	0	0
1992	146	74	3	100	51	26	0	0
1996	159	71	11	73	66	29	4	27
2000	111	54	8	66	94	46	4	33
2004	125	51	8	80	122	49	2	20

Fonte: Comitê Olímpico Brasileiro (www.cob.org.br)

Tabela 2: Delegação e medalhas brasileiras nas últimas dez edições dos Jogos Panamericanos (não há dados discriminados em relação ao total de homens e mulheres, até a edição de 2003).

Ano	HOMENS				MULHERES			
	Atletas	%	Medalhas	%	Atletas	%	Medalhas	%
1971			25	83			5	17
1975			37	86			6	14
1979			37	95			2	5
1983			45	82			10	18
1987			47	80			12	20
1991			54	69			24	31
1995			60	75			20	25
1999			64	64			36	36
2003	280	60	83	68	187	40	39	32
2007	374	56	98	63	287	44	58	37

Fonte: Comitê Olímpico Brasileiro (www.cob.org.br)

Este crescimento tem implicado em uma maior atenção da população a estes eventos, em um movimento que se não tem a mesma dimensão do que ocorre durante a realização das Copas do Mundo de Futebol masculino – nas quais, como observou Gastaldo (2007), há uma transformação do ritmo das principais cidades brasileiras, que passam a viver em torno do tempo construído por esta competição – traz semelhanças pelo fato de atrair o interesse de um número expressivo de pessoas que, fora destes grandes eventos, praticamente não se interessam pelos chamados “esportes olímpicos”.

A partir deste maior interesse, que seguindo o raciocínio de Guedes (1998) parece estar profundamente conectado com o melhor desempenho dos atletas em um número maior de provas¹, é possível identificar um movimento crescente, de pelo menos parte da mídia esportiva especializada², no sentido de ampliar e qualificar a cobertura destes eventos. Para analisar este fenômeno, e principalmente para focar os aspectos de gênero envolvidos neste processo, é necessário ter em mente duas questões centrais. Em primeiro lugar, deve-se reconhecer que “se a imprensa esportiva sem dúvida cria o seu público, ela não o faz por um ato de mágica, mas catalisando de modo eficiente os temas que interessam a ele” (Lopes, 1994 *apud* Guedes, 1998:47). Em segundo lugar, é importante salientar que este público não se apresenta de forma homogênea, principalmente em eventos tão multidimensionais como os Jogos Olímpicos e os Jogos Panamericanos. Deste modo, é possível identificar o estabelecimento de diferentes formas de interlocução entre segmentos específicos da mídia com públicos particulares.

Desta forma, o que pretendo realizar neste trabalho é uma reflexão sobre como um setor específico desta mídia – aquele que tem se especializado de forma crescente na cobertura dos eventos esportivos (canais de televisão a cabo voltados exclusivamente para o esporte; setores dos principais jornais impressos dedicados a estes eventos – principalmente através da forma dos “suplementos especiais”, editados durante a realização de Jogos Olímpicos e Panamericanos e os segmentos voltados para o esporte

¹. Guedes afirma que: “se qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva através das vitórias, apenas o futebol o faz permanentemente, nas vitórias e nas derrotas” (1998:41).

². Chamo aqui de “mídia esportiva especializada” aquela que realiza uma cobertura sistemática, ainda que variável em termos quantitativos e qualitativos, do conjunto dos eventos esportivos, se diferenciando assim de outra parcela da mídia que só aborda este tema nos momentos próximos dos chamados “megaeventos esportivos” (Copas do Mundo, Jogos Olímpicos e Panamericanos).

nos principais portais de Internet) – tem, implícita ou explicitamente, abordado a dimensão de gênero na cobertura destes eventos.

Para alcançar este propósito irei, inicialmente, discutir algumas abordagens teóricas sobre a relação entre a mídia esportiva e a questão de gênero, principalmente para realçar o fato de que estas leituras ainda se encontram fundamentalmente presas a uma concepção de gênero que reproduz, em uma linguagem “cultural”, a oposição binária entre os sexos. Partindo da crítica deste procedimento, tal como realizada por Butler (1987, 2003), como naturalizador da categoria “mulheres” – bem como de “homens”, como irá acrescentar Vale de Almeida (1995) – irei afirmar que, mais do que qualquer preocupação sexista, a imprensa esportiva brasileira está permanentemente voltada para a procura (ou a construção) da “vitória” e sua exaltação. Assim, a análise de um evento específico, os XX Jogos Olímpicos de Inverno, realizados na cidade de Turim (Itália), em 2006, que pela primeira vez contou com uma cobertura mais ampla por parte da mídia esportiva brasileira, servirá como um estudo de caso no qual, na ausência de “vencedores” em sentido estrito, a *snowboarder* Isabel Clark, que alcança o 9º lugar na prova de *boarder cross*, é alçada à condição de “estrela”, sendo deslocada da condição de “mulher” (assim como, em outras situações, outros atletas são deslocados da condição de “homem”), para assumir a posição da “vitória”, encarnação de um sucesso que passa a ser compartilhado³ e que, por isso mesmo, deve ser despojado das características mais marcantes de sexo/gênero.

³. Huizinga (1971) afirma que “no jogo, o êxito obtido passa prontamente do indivíduo para o grupo”.

As “mulheres” e os “homens” na mídia esportiva

Na quase totalidade dos trabalhos que analisam as relações de gênero, na mídia esportiva brasileira, é possível encontrar referências explícitas às teorias sobre gênero e um distanciamento, ao menos do ponto de vista teórico, de perspectivas que naturalizam as diferenças entre homens e mulheres como decorrentes de seus aspectos biológicos. Entretanto, quando entramos na análise do material empírico que estes textos procuram discutir, somos normalmente lançados em uma discussão sobre “mulheres” e “homens”, que surgem como categorias naturalizadas e capazes de recobrir todo o campo daquilo que, teoricamente, se diferenciou como “feminino” e “masculino”.

Assim, por exemplo, Knijnik e Sousa iniciam sua discussão afirmando que “a pretensão deste texto é discutir como as mulheres têm sido descritas na mídia esportiva brasileira, sobretudo no que diz respeito aos artigos que jornais e revistas produzem sobre as atletas, comparados aqueles que retratam os homens” (2004:195). Em uma perspectiva bastante semelhante, Romero (2004, 2005) irá discutir as representações das “mulheres” na imprensa esportiva.

Em primeiro lugar, o que não será motivo de aprofundamento teórico neste trabalho, mas que acredito deva ser explicitado para futuros desdobramentos desta investigação, creio ser fundamental problematizar a homogeneização atribuída à mídia, presente principalmente no trabalho de Knijnik e Sousa. Mesmo se nos limitarmos à imprensa escrita – o que já implica uma primeira diferenciação entre revistas e jornais – é importante distinguir entre aquela voltada exclusivamente para a cobertura esportiva (em revistas especializadas e nos cadernos e seções de esporte dos grandes jornais) daquela que, ocasionalmente, pode encontrar no meio esportivo um tema para um artigo

extemporâneo (principalmente, como tenho apontado aqui, nos períodos próximos aos megaeventos esportivos). Neste sentido, é especificamente em relação à “mídia esportiva especializada” que minha hipótese de que, mais importante do que o sexo ou mesmo a identidade de gênero do atleta, a cobertura da imprensa privilegia a conquista da vitória ou, pelo menos, do sucesso.

Além disso, um dos meus objetivos centrais com este texto é tentar apresentar algumas possibilidades de análise que ultrapassem o “imediatamente visível” das diferenças corporais entre “homens” e “mulheres”, para incorporar não apenas nas referências teóricas, mas na interpretação antropológica, a perspectiva de que as identidades de gênero não são decorrência imediata do sexo biológico. Neste sentido, estarei dialogando especificamente com teorias como as de Butler, para quem:

se dispensarmos a prioridade de ‘homem’ e ‘mulher’ como substâncias permanentes, não será mais possível subordinar traços dissonantes do gênero como características secundárias ou acidentais de uma ontologia do gênero que permanece fundamentalmente intacta. Se a noção de uma substância permanente é uma construção fictícia, produzida pela ordenação compulsória de atributos em seqüências de gênero coerentes, então o gênero como substância, a viabilidade de *homem* e *mulher* como substantivos, se vê questionada pelo jogo dissonante de atributos que não se conformam aos modelos seqüenciais ou causais de inteligibilidade (2003:47, grifos da autora).

Deste modo, onde a maior parte dos trabalhos que refletem sobre a questão da mídia esportiva vê “homens” e “mulheres”, eu estarei buscando encontrar diferentes identidades de gênero, entendidas aqui como sendo distintas formas de perceber-se e ser percebido enquanto homens e mulheres. Assim, compreendendo a identidade como uma construção social, e não como uma espécie de “segunda natureza”, que se realiza contextualmente através de uma tensão entre “uma ‘auto-identidade’ definida por si mesmo e uma ‘exo-identidade’ definida pelos outros” (Simon, 1979:24), procuro relativizar a capacidade de “imposição” de identidades de gênero pela mídia esportiva

(ou por setores dela). Sem ilusões sobre os diferenciais de poder existentes, trata-se simplesmente de substituir uma visão estática “poder/não-poder” por uma compreensão dinâmica desta relação, que está permanentemente alterando a capacidade de imposição/afirmação identitárias (como pode ser exemplificado, simbolicamente, pela possibilidade – a partir de um processo de “empoderamento” dado, também, pelo sucesso alcançado em suas carreiras esportivas – de afirmação pública de suas opções homossexuais, por atletas como Martina Navratilova e Greg Louganis) a partir de uma série complexa de variáveis, entre as quais a própria relação que cada atleta, individualmente, tem com seu corpo e sua imagem.

Desta forma, se inegavelmente há uma demanda por parte de setores da mídia na direção de uma exploração de determinados atributos físicos e/ou comportamentais, há também uma estratégia variável de utilização desta demanda por diferentes atletas. Isto pode ser encontrado, por exemplo, na cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), através do contraste entre a “brincadeira” de uma jogadora de vôlei de praia que, com sua parceira, chamavam-se de “rainha” e “princesa” e que a matéria conclui com esta atleta dirigindo-se ao técnico, que é também seu marido, dizendo: “só sou rainha do lar, não é meu amor?” e a afirmação de uma jogadora de basquete que, comentando uma briga em partida amistosa pouco antes do início dos Jogos Olímpicos, disse que: “ninguém bota a mão na minha cara, se a minha mãe não faz isso, ela [a jogadora com quem brigou] é que acha que vai fazer?”. Da mesma forma, também em uma mesma edição, pode ser lida uma matéria falando do mal-estar generalizado entre os nadadores (homens e mulheres) devido à distribuição de uma foto em close “de uma das partes mais bem dotadas da anatomia da bela Mariana Brochado”, na qual um dirigente falava que “ela não curte mais esse negócio de musa” e, pouco depois, outra matéria que

procurava “ajudar” a divulgação do remo feminino, esporte no qual o Brasil fazia sua estréia, enfatizando a beleza de nossa atleta “o que prova que se pode praticar o remo **sem perder a graça e a feminilidade**” (grifos meus), o que era reforçado pela própria atleta.

Trata-se, portanto, no meu entender, de um processo muito mais complexo do que aquele que poderia ser “resolvido” através de uma simples acusação de sexismo por parte da imprensa. Pelo contrário, o que se encontra cada vez mais, na medida em que a diversidade de gênero vai sendo incorporada pela sociedade em geral, e aqui volto a frisar não limitada à questão da diferença entre homens e mulheres mas aberta para, por exemplo, valorizar o “metrosexual” David Beckham, é a disputa entre discursos que afirmam identidades de gênero distintas.

Pensar as construções das identidades de gênero e sua relação com os diferentes agentes da mídia esportiva, nesta nova situação, deve significar refletir sobre tensões e disputas de espaço e poder em uma multiplicidade de vozes, que ultrapasse as generalizações e essencializações para questionar movimentos mais sutis de qualificação de determinados valores associados a identidades de gênero hegemônicas, masculinas e femininas. Neste sentido, a análise do caso específico da atleta Isabel Clark, ao que irei me deter na continuação deste trabalho, busca tentar verificar como o sucesso é compreendido como possibilitando, senão um apagamento completo, pelo menos um enfraquecimento das diferenças entre os sexos e mesmo, em determinados casos, entre as identidades de gênero.

“UM FEITO PARA QUEBRAR O GELO”

Os Jogos Olímpicos de Inverno possuem uma característica completamente distinta dos Jogos Olímpicos (que raramente são descritos como sendo “de verão”), ao se restringir quase exclusivamente aos países que, por suas características geográficas, possuem áreas, principalmente montanhosas, regularmente atingidas por neve e, dentre estes, àqueles que possuem condições econômicas de utilização destas áreas para a construção de complexos turísticos e/ou esportivos, que possibilitem a prática dos esportes normalmente disputados nestas competições.

Este foi um aspecto constantemente ressaltado, tanto nas transmissões pela televisão (um canal de TV a cabo realizou a cobertura quase completa destes Jogos) quanto nas matérias veiculadas pela mídia impressa, para contextualizar a participação brasileira nestas competições. Desta maneira, a lembrança de que “somos um país sem neve” era acionada permanentemente como justificativa para o fraco desempenho da maioria dos atletas brasileiros, que normalmente ocupavam as últimas colocações em suas modalidades, e foi realçada de forma ainda mais enfática para ampliar o “feito” de Isabel Clark, que “fez história como o melhor resultado brasileiro nos Jogos de Inverno” (O Globo, 18/02/2006), ao conquistar a nona colocação em sua prova, como indicado na introdução deste artigo.

A partir deste momento as atenções da mídia que cobria esta edição dos Jogos, que já estavam majoritariamente voltadas para esta atleta, passou a se dedicar quase exclusivamente a repercutir este resultado. Isto pôde ser observado tanto nas transmissões de televisão, que passaram a ser abertas com trechos de sua prova a cada vez que qualquer notícia sobre os Jogos fosse ser transmitida, quanto na parte de

esportes dos principais sites que também realizavam cobertura do evento e, principalmente, na matéria com que o jornal O Globo encerra seu acompanhamento desta competição: “Brasil retorna orgulhoso e com esperanças dos Jogos de Turim” (O Globo, 27/02/2006), destacando a trajetória de Isabel Clark, sua carreira e enfatizando o fato de que, ao contrário de outros atletas brasileiros que não nasceram ou não residem no Brasil, “é carioca, frequentadora das praias do Rio e faz parte dos treinamentos pegando ondas com a prancha” (O Globo, 27/02/2006).

Assim, podemos observar que, embora a delegação brasileira neste evento tivesse 10 atletas (7 homens e 3 mulheres), a cobertura de alguns dos principais órgãos de imprensa que abriram espaço para noticiar este evento (canal fechado Sportv, site UOL e jornal O Globo) foi, desde o início e aumentando no decorrer do período das competições, centrada na figura de uma atleta em particular. Isto porque esta atleta, que inclusive foi homenageada com a indicação de ser a porta-bandeira da delegação na cerimônia de abertura⁴, já aparecia como a maior promessa de um resultado significativo, como transparece na fala do chefe da delegação brasileira, Edson Menezes: “Isabel é a prova de que nossos atletas não são diferentes dos de nenhum lugar do mundo. Quando respeitados e treinados, eles são tão bons quanto os demais” (O Globo, 07/02/2006).

Este aspecto contrasta de forma particular com a cobertura realizada sobre o restante da delegação brasileira. Além das notícias mais informativas, sobre a presença de atletas nas competições e, posteriormente, seus resultados, a imprensa destacou três eventos em particular. O primeiro referente ao fato de que Jaqueline Mourão, que

⁴ A posição de porta-bandeira nestas competições é considerada uma honraria, atribuída normalmente a atletas que tenham reconhecido destaque no esporte nacional. Para citar como exemplo, nos Jogos Olímpicos de Verão, atletas como Robert Scheidt, Gustavo Borges, Torben Grael e Sandra Pires – todos medalhistas olímpicos – foram alguns dos indicados para esta posição.

competia na prova de cross-country, se tornava a primeira mulher brasileira a participar tanto dos Jogos Olímpicos de Inverno quanto nos de Verão (havia participado da prova de mountain bike em Atenas 2004). O segundo foi a divulgação e acompanhamento do caso de doping de Armando Santos, da equipe de bobsled, em um exame preventivo e que causou sua substituição na equipe por Claudinei Quirino e se transformou no primeiro caso de doping de um atleta brasileiro em esportes de neve. O terceiro evento que mereceu uma cobertura mais ampla foi, justamente, o desempenho desta equipe de bobsled. Desde antes do início das competições, esta equipe já chamava a atenção pelo fato de ser a única, nestas edições dos Jogos, oriunda de um “país tropical”, o que lhe valeu o apelido de “bananas congeladas” e as suspeitas da realização de um filme nos moldes de “Jamaica abaixo de zero”, realizado em 1993 e que, em um tom cômico, retratou a “aventura” da equipe de bobsled da Jamaica, nos Jogos de 1988. Depois, durante os treinos e no momento de sua participação, a referência maior é em relação aos diversos acidentes ocorridos com a equipe, com o trenó com o qual realizam a descida da pista nesta prova constantemente terminando de “pernas para o ar” e que sugeri ao editor da matéria a “brincadeira” no título da mesma, mudando o apelido da equipe para “bananas amassadas” (O Globo, 22/02/2006). Por fim, nos dias próximos ao encerramento deste evento, a cobertura ora enfatizava a comparação explícita com o desempenho de Isabel Clark, como na fala do presidente da Confederação Brasileira de Desportos do Gelo, que diz que “em 2010 a tentativa será classificar o bobsled entre os dez primeiros, assim como a Isabel fez” (UOL, 26/02/2006), ora chamava a atenção para o anúncio de Claudinei Quirino (que também participa dos Jogos de Verão, no atletismo) de que não competiria mais neste esporte: “Não continuo não. Morro de medo de descer! É perigoso – admitiu” (O Globo, 27/02/2006).

A comparação entre estas matérias poderia sugerir, em uma leitura superficial, que por alguma razão não explicitada elas teriam, como um dos objetivos, a ruptura com os padrões “sexistas” normalmente atribuídos à mídia esportiva. Isto porque é nítido que a forma como Isabel Clark e Jaqueline Mourão – principalmente, a primeira – são retratadas é claramente positiva, chamando a atenção para suas conquistas esportivas, enquanto Armando Santos, a equipe de bobsled em seu conjunto e Claudinei Quirino aparecem relacionados a aspectos sempre negativos e mostrados: de forma crítica, como no caso do doping; irônica, como na mudança do apelido para “bananas amassadas” ou associada ao “medo”, emoção normalmente contraposta à “coragem” que se espera dos homens “verdadeiramente viris” (Bourdieu, 2007).

O problema com esta leitura, entretanto, é que ela permanece restrita a uma centralidade das diferenças entre os sexos (homens/mulheres), em um espaço no qual a identidade de gênero parece ser mais determinante para a compreensão das múltiplas formas pelas quais a mídia esportiva retrata os atletas, no contexto destas competições. Esta ressalva, que remete para uma elaboração contextual (e não essencialista, que associaria identidades fixas a homens e mulheres e que, em geral, acabam por reproduzir as dicotomias sexuais em uma elaboração “culturalista” da oposição binária de gêneros) da identidade, é importante para realçar o fato de que as pessoas não “têm” uma identidade de gênero, mas atualizam identidades diferenciadas de acordo com o contexto no qual se inserem. Assim, se há algo de verdade na afirmação de Bourdieu de que “a prática intensiva de um determinado esporte determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo: deixando de existir apenas para o outro ou (...) ela se converte de corpo-para-o-outro em corpo-para-si” (2007:83), ela deve ser relativizada também em sua apropriação contextual. Isto

pode ser visto pelo fato de que, como indicado anteriormente, a utilização do corpo como “corpo-para-o-outro” pode ser (e muitas vezes é) utilizado tanto como forma de reforçar estereótipos de “feminilidade”, quanto como estratégia de publicidade que leva a muitas atletas a se adequarem ao papel de “musa” ou de exporem seus corpos em ensaios “sensuais”, principalmente na época próxima aos grandes eventos esportivos.

O que ocorre, portanto, com as identidades de gênero durante estes eventos esportivos que recebem uma atenção, ainda que variada em sua intensidade, da mídia esportiva? Em que medida este contexto específico permite, ou limita, a expressão de identidades que se diferenciam das identidades hegemônicas associadas ao masculino e ao feminino?

As análises destas questões na literatura brasileira sobre o tema (Knijnik & Souza, 2004; Romero, 2004; 2005), até o momento, têm primado por uma perspectiva que enfatiza o caráter de denúncia das manifestações de “sexismo” por parte da imprensa esportiva, entre outras coisas, por uma série de atribuições diferenciadas a homens e mulheres na cobertura de suas participações nestes grandes eventos, como Jogos Olímpicos e Panamericanos. Estas atribuições, em geral, estariam situadas na associação das mulheres à beleza (ou graciosidade), às emoções (principalmente sua maior dificuldade de controle emocional) e uma menor atenção dada à performance e aos resultados obtidos, enquanto os homens seriam retratados como mais contidos e habilidosos, com as reportagens ressaltando os aspectos técnicos e o desempenho dos atletas. Como consequência, para Knijnik e Sousa, “a cobertura televisiva, na maioria das vezes, dá a impressão de que a performance das mulheres é menos importante e menos interessante quando comparada com a dos homens” (2004:208).

Entretanto, os dados obtidos em três segmentos diferentes que cobriram os Jogos de Inverno de 2006 apontaram justamente para o oposto desta tendência. Aqui, como pudemos observar anteriormente, às “mulheres” foi dado o destaque de suas realizações esportivas e uma cobertura mais voltada para os aspectos técnicos de suas provas, além de ressaltar a habilidade de Isabel Clark frente a adversárias que contavam com possibilidades de treinamento muito superiores às da brasileira. Por outro lado, os “homens” foram, em grande medida, retratados de forma negativa, jocosa ou pelos “problemas” associados à emotividade.

Seria o caso da cobertura realizada durante os Jogos Olímpicos de Inverno de 2006, portanto, uma exceção à regra, que como diz o ditado acabaria por confirmá-la? Seria possível atribuir esta “exceção” ao fato deste ser um evento “menor”, dentro do calendário esportivo brasileiro, não tendo a dimensão das competições que mobilizam, hoje em dia, os principais veículos de mídia e, portanto, passível de ser menos “monitorada” em relação aos discursos dominantes de gênero?

Se esta fosse, efetivamente, uma exceção, poderíamos ser levados a tomar uma destas interpretações como mais adequada. Entretanto, os dados obtidos na cobertura deste evento em particular apenas reforçam, pela particularidade de que neste caso o grande destaque individual foi uma mulher, mesmo em uma delegação majoritariamente composta de homens, uma tendência que já havia destacado em um trabalho anterior (Rojo, 2006). Neste trabalho, a utilização de um olhar voltado para um período de cinco ciclos olímpicos, me permitiu verificar que, excluindo manifestações pontuais, o crescimento quantitativo e qualitativo da participação de mulheres nestas competições implicou em uma redução acentuada das diferenças na cobertura, por parte dos setores da mídia esportiva ali analisados, entre homens e mulheres.

Mais do que isto, a observação específica do tratamento dado por estes órgãos da imprensa para dois atletas em particular – Daiane dos Santos (ginástica) e Gustavo Kuerten (tênis) – no período que antecedeu aos Jogos Olímpicos de 2004, reforça esta perspectiva. Ambos eram referências importantes em suas modalidades, ao mesmo tempo que alvo de dúvidas sobre seus desempenhos por conta de problemas físicos, e devido a isso receberam um tratamento “especial”, por parte dos jornais impressos e dos programas esportivos nos principais canais de televisão. Tanto no tamanho reservado a cada um dos dois atletas, quanto nos aspectos ressaltados na cobertura de cada caso, é impossível notar diferenças significativas que pudessem ser atribuídas ao fato de se tratar de uma “mulher” e de um “homem”.

Conclusão

A interpretação deste conjunto de informações, a partir das referências teóricas propostas neste trabalho, reforça a necessidade de questionarmos a relevância das categorias “homem” e “mulher” como referências universais de análise. Recentemente, Nascimento (2007), nos lembra que “o pressuposto da subordinação universal das mulheres (e da dominação masculina), embora sedutor do ponto de vista político, não se presta enquanto questão a ser investigada na medida em que inviabiliza a problematização de como as assimetrias são transformadas em desigualdades em cada contexto (...) o que estaria em jogo seriam os contextos de desigualdade a serem entendidos em suas especificidades e não exemplos a confirmarem a tese dada por certa” (Rosaldo, 1995; apud Nascimento, 2007:43).

Neste sentido, o que podemos concluir deste trabalho é que parece haver um outro eixo de diferenciação, ainda mais relevante do que aquele determinado pelo sexo biológico dos atletas, operando na definição de “o que” e do “como” será realçado na cobertura de alguns setores importantes da mídia esportiva. Retomando a contribuição de Guedes (1998), apresentada na introdução deste trabalho, entendo que este eixo é fortemente influenciado pela constatação, por parte destes setores, de que o interesse da audiência pelos eventos esportivos ainda se concentra, fundamentalmente, no “futebol e nos esportes que estão vencendo”. Assim é que, simbolicamente, utilizo o termo “vitória” como identificando uma “identidade de gênero” contextual, ou seja, se há algum viés de gênero na cobertura esportiva, este não é dado pela reprodução de uma dicotomia “masculino”/“feminino”, mas pela produção de uma nova identidade – “vitoriosos” – que pode ser associada, indistintamente, a atletas de ambos os sexos.

Assim, por mais “sedutora politicamente”, como afirma Nascimento, que seja a crítica de uma postura androcêntrica por parte da mídia esportiva, sua manutenção da oposição fundamental entre “homens” e “mulheres” como categorias universais levaria à consequência de dificultar a compreensão de que não são “as mulheres” (ou todas as mulheres) que são escondidas ou silenciadas pela imprensa, ou mostradas de forma a ressaltar aspectos que reforçariam os estereótipos “femininos”. Do mesmo modo, esta não privilegia “os homens” (novamente pensados, aqui, como uma totalidade integrada), na cobertura destes grandes eventos esportivos.

A análise de um caso específico como este dos Jogos de Turim 2006 nos mostra, em sua peculiaridade, é que o que aproxima Isabel Clark e, em menor medida, Jacqueline Mourão, como um grupo; a equipe de bobsled, como um segundo grupo; e atletas como Mirella Arnhold, Nikolai Hentsch e Hélio Freitas (outros participantes da

delegação brasileira), como um terceiro grupo, não passa, obviamente, pela questão de serem homens e mulheres. Se associarmos cada um destes grupos ao fato de que o primeiro, ainda que com diferenças entre o desempenho de cada uma, pode ser visto como “vitoriosas”; o segundo como “derrotados” (principalmente pelo peso dado à questão do doping) e o terceiro como “indiferentes” (uma vez que não se esperava um resultado significativo destes atletas), podemos concluir, como tenho afirmado, que é este terceiro grupo que é, de forma quase absoluta, “silenciado”. Assim, com exceção de rápidas notas indicando a participação em suas respectivas modalidades, estes atletas foram completamente ignorados pela cobertura deste evento; ao passo que o segundo grupo recebeu uma cobertura “jocosa” e crítica e o primeiro grupo, principalmente com a transformação de Isabel Clark em “estrela” – note-se que, em nenhum momento, chamada de “musa” – foi alçado à condição de destaque por parte de todos os setores da imprensa analisados neste trabalho.

Esta situação, gostaria de ressaltar para concluir este trabalho, longe de ser uma singularidade de uma competição específica, e de pouca importância no âmbito esportivo brasileiro, pode ser identificada até mesmo no “surgimento” ou na “construção” dos grandes ídolos esportivos, como indica o caso de Gustavo Kuerten (o “Guga”). O acompanhamento das notícias veiculadas no jornal “O Globo”, sobre o torneio de Roland Garros de 1997, no qual este tenista sai de um anonimato quase absoluto para a fama, permite seguir, vitória a vitória, o progressivo aumento do espaço atribuído a Guga. Assim, na primeira rodada deste torneio (foram sete jogos, contando com a final), havia apenas uma pequena nota na seção “rápidas”, informando da presença de Guga em Roland Garros e de quem seria seu adversário. Com o acúmulo de sucessos, este espaço já alcança metade da última página, nas quartas-de-final,

apresentando o tenista para o grande público e ampliando as informações sobre o tênis (de forma bastante similar aos gráficos utilizados para ampliar a compreensão da prova de boarder cross, na qual Isabel Clark se destaca), até atingir a primeira página da seção de esportes, com direito a fotografia, para destacar a conquista inédita de um tenista brasileiro em um dos quatro torneios mais importantes do tênis mundial (e, significativamente, recuperando a lembrança dos feitos de Maria Ester Bueno, que havia brilhado neste esporte na década de sessenta).

Deste modo, se olharmos para a realidade como um processo dinâmico, torna-se possível identificar que a ausência das mulheres, ou a referência preponderante sobre os estereótipos “femininos”, durante um determinado período na mídia esportiva se deveu muito mais a uma presença secundária das atletas brasileiras, nos principais eventos esportivos. O crescimento quantitativo e qualitativo destas mulheres nas delegações, que torna mais comum o aparecimento de personagens como Daiane dos Santos e Isabel Clark, bem como a especialização da mídia esportiva para além do futebol (também como decorrência da melhora significativa da participação do Brasil, tanto no masculino como no feminino, em diversos outros esportes como a ginástica, o judô e, principalmente, o vôlei), deixa mais explícito que, com exceções pontuais, o único “gênero” que parece realmente importar, para estes setores da mídia, não tem gênero, apesar de ser escrito no feminino: a vitória.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (coord.) *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GASTALDO, Édison. *Ritos da nação* (20 min). Vídeo apresentado durante a VII Reunião de Antropologia do Mercosul. Porto Alegre, 2007.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil nos campos de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EdUFF, 1998.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva: EdUSP, 1971.

KNIJNIK, Jorge Dorfman e SOUZA, Juliana Sturmer. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman e SIMÕES, Antonio Carlos (orgs.) *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, nº 22, jun./ago. 1994.

NASCIMENTO, Pedro. Antropologia, feminismo e masculinidades ou: “o que os papudinhos de Camaragibe têm a ver com o debate sobre os homens no feminismo”.

BONETTI, Aline & FLEISCHER, Soraya (orgs.) *Dossiê Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feminista*. http://www.cfemea.org.br/pdf/dossie_entre_pesquisar_militar.pdf, 2007.

ROJO, Luiz Fernando. *Esporte e gênero: análise comparativa da cobertura jornalística nos Jogos Panamericanos e Olímpicos, de 1987 à 2004*. Trabalho apresentado na VIII Reunião da Associação Nacional de Pós-graduação em História (ANPUH). Niterói, 2006.

ROMERO, Elaine. A (in) visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman e SIMÕES, Antonio Carlos (orgs.) *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.

ROMERO, Elaine. E agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento e a imprensa esportiva. *Labrys: estudos feministas*, agosto/dezembro 2005.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da Antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos*, 1 (1), 1995.

SIMON, Jean Pierre. Aspects de l'ethicité bretonne. *Pluriel –débat*, n° 19, 1979.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

Fontes de Referência:

Comitê Olímpico Brasileiro. www.cob.org.br

O Globo. Edições de 1 a 27 de fevereiro de 2006.

Sportv. Cobertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, fevereiro de 2006.

Universo On-Line. www.uol.com.br